

## TURISMO ÉTNICO-AFRO NA CIDADE DE SÃO PAULO: UM CONCEITO A SER EMPREENDIDO<sup>1</sup>

**Lilian Soares da Silva<sup>2</sup>**

Pós-graduanda em Educação de Jovens e Adultos/IFSP-Campus São Paulo  
Professora efetiva da Secretária Municipal de Educação da cidade de São Paulo

### RESUMO:

O artigo tem o objetivo de contextualizar o Turismo Étnico-Afro na cidade de São Paulo, baseando-se no Roteiro Afro, elaborado pela Prefeitura do Município de São Paulo e São Paulo Turismo (SPTURIS), lançado no ano de 2012, como mais uma opção de roteiro pela cidade. Os objetivos específicos versaram sobre as temáticas de apresentar o turismo étnico-afro, com base em referências bibliográficas e pesquisa de campo, além de mostrar os atrativos turísticos na cidade de São Paulo voltados ao turismo étnico-afro presentes no Roteiro Afro e entrevistar os gestores e/ou coordenadores do Museu Afro Brasil e Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ylê do Hozouane. Constatou-se que o turismo, de um modo geral, é responsável por promover a integração de culturas, povos e grupos “fora dos padrões” convencionais, especificamente através do Turismo Étnico e que o Roteiro Temático Afro é fundamental para a promoção, divulgação e conhecimento das instituições e espaços da cultura na cidade.

**Palavras-chave:** Turismo étnico-afro. Lazer. Cultura afro-brasileira. Cultura afro-brasileira em São Paulo. Atrativos turísticos afros.

### Introdução

A temática de “Turismo Étnico-Afro” foi escolhida por ser pouco abordada e/ou explorada pelos teóricos, estudiosos e tratar-se de um segmento turístico recente. Além disso, a cultura africana e afro-brasileira é muito rica, intrigante e com muitas especificidades, de tal maneira que a lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003, institui:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado para aprovação na graduação em Gestão de Turismo, sob orientação do Prof. Dr. José Guilherme de Almeida.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: liliansoares.sp@gmail.com

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

[...] Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Ainda assim, poucas instituições de ensino abordam em seu currículo escolar esse conteúdo, apenas explorado no mês de novembro, com a aproximação do dia da “Consciência Negra”. Por isso, não basta ensinar apenas a história e a teoria como qualquer outra disciplina ou conteúdo escolar, é preciso que seja vivenciada, experimentada e inserida no cotidiano dos estudantes, para que possa tornar-se relevante e auxiliar no entendimento da sua origem e dos seus ascendentes.

Outro motivo da autora para eleger a temática foi a visitação para um trabalho acadêmico na Agência Reality Tour Viagens e Turismo Ltda. – ME, especializada no segmento e roteiros turísticos, conhecido como “Rota da Liberdade”, destinados a todos os públicos, com foco no mapeamento dos passos do negro africano, a história, sua cultura, as danças típicas, a arquitetura e a gastronomia marcante na região do Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte do Estado de São Paulo.

Durante os anos no curso de Gestão de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – *Campus* São Paulo, na realização de uma pesquisa da temática abordada, consta apenas o trabalho de conclusão de curso “Resistência negra: levantamento dos pontos turísticos relacionados à cultura afro brasileira na cidade de São Paulo”, da autora Gisele de Almeida Pereira, sob orientação da Professora Tatiana Marchetti Panza, defendido em 2011. Isto posto, fica claro que o tema não foi discutido e/ou ampliado em nenhum trabalho de conclusão de curso da graduação, mostrando o desinteresse dos estudantes por explorar e pesquisar o turismo étnico-afro.

Desse modo, o objetivo do artigo é o de contextualizar o turismo étnico-afro na cidade de São Paulo, baseando-se no Roteiro Afro elaborado pela Prefeitura do Município de São Paulo e São Paulo Turismo (SPTURIS), lançado no ano de 2012, como mais uma opção de roteiro pela cidade, com uma tiragem de 5000 exemplares e divulgação no sítio do município. Também, como objetivos específicos, as temáticas de apresentar o turismo étnico-afro, com base em referências bibliográficas e pesquisa de campo, além de mostrar os atrativos turísticos na cidade de São Paulo voltados ao

turismo étnico-afro presentes no Roteiro Afro e entrevistar os gestores e/ou coordenadores do Museu Afro Brasil e Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ylê do Hozoouane.

Em relação à metodologia, adotamos a pesquisa bibliográfica e a de campo para coleta de dados e informações com gestores e/ou coordenadores, a fim de demonstrar a importância da valorização cultural, da transmissão de conhecimentos, suas lutas e resistências dos descendentes africanos às novas gerações que são proporcionadas pelo Roteiro Afro. Para finalizar, o tema do artigo científico é algo que encanta a autora, seja pela falta de conhecimento de muitos, preconceito de alguns e principalmente pela contribuição dos seus ancestrais/antecessores para o desenvolvimento do Brasil e da cidade de São Paulo.

### **Turismo, lazer e cultura**

Theobald (2001, p. 27-28) esclarece que “o homem viaja desde o início dos tempos, quando seus antepassados primitivos percorriam frequentemente grandes distâncias em busca de caça que lhes fornecia o alimento e o agasalho necessários a sua sobrevivência”. Para o autor, “o turismo que conhecemos hoje é um fenômeno peculiar do século XX”, isto é, conforme o Conselho Mundial de Viagens e Turismo, “viagens e turismo constituem a maior indústria em termos mundiais, qualquer que seja o parâmetro econômico adotado: produto bruto, valor agregado, investimentos de capital, empregos e arrecadação”.

Taylor (2001, p. 283) afirma que o turismo “há muito tempo se preocupa com o consumo e não com os consumidores, com as medidas de economia (pessoas/viagens, pessoas/noites, número de visitas, gastos diários e por viagem) e pouca atenção ao consumidor e ao interesse das ciências sociais pelo turismo”. Diante disso, fica claro que muitas áreas e/ou segmentos turísticos visam apenas ao lucro, aumentar o número de turistas/hóspedes/visitantes, entre outras motivações, e não promovem a função principal do turismo que é desligamento do cotidiano, recreação, conhecer outras culturas, pessoas ou simplesmente descansar.

Outro destaque do autor é que “todas essas pessoas que efetivamente viajam pensam na viagem do mesmo modo”. Já, segundo Theobald (2001, p. 28), um dos

principais problemas do turismo, que ocultou ou ofuscou seu impacto econômico, é sua diversidade e fragmentação. Fragmentação essa, onde é inserido o turismo étnico afro, um segmento turístico pouco conhecido e desenvolvido nas cidades com maior proporção de negros ou afrodescendentes ou em territórios de comunidades quilombolas.

A palavra **quilombo** é originária do idioma africano **quimbundo** e significa: “sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades”. Atualmente, a definição mais comum para o termo é:

Comunidade negra rural habitada por descendentes de africanos escravizados, com laços de parentesco, que vivem da agricultura de subsistência, em terra doada, comprada ou secularmente ocupada por seus antepassados, os quais mantêm suas tradições culturais e as vivenciam no presente, como suas histórias e seu código de ética, que são transmitidos oralmente de geração a geração. (CIRCUITO QUILOMBOLA<sup>3</sup>, 2011)

No Estado de São Paulo, na região do Vale do Ribeira, tem-se evidenciado o turismo de base comunitária<sup>4</sup> com a inserção de 7 (sete) comunidades no programa “Circuito Quilombola”, citam-se André Lopes, Ivaporunduva, Mandira, Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima, São Pedro e Sapatu. Em parceria com a Organização Não Governamental Instituto Sócio Ambiental (ISA), os quilombos incluíram 65 (sessenta e cinco) atrativos nesses territórios, entre eles culturais, naturais, gastronômicos e festivos.

O circuito tem o objetivo de promover as regiões, gerar renda e envolver os jovens das comunidades, essas já certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP)<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> <http://www.circuitoquilombola.org.br/o-que-e>

<sup>4</sup> O Turismo de Base Comunitária (TBC), Turismo Comunitário, Solidário, de Conservação e entre outras denominações tem como objetivos principais: contribuir para a geração de trabalho e renda no local; organizar e fortalecer os atores/as comunidades locais para a gestão e a oferta de bens e serviços turísticos; agregar valor aos destinos turísticos; diversificar a oferta turística de destinos consolidados; incrementar o fluxo de turistas demandantes deste segmento; promover a interação entre comunidade e turista, de forma sustentável, com ganhos – materiais e simbólicos – para a população local, e oferecer uma experiência turística diferenciada para o visitante a partir da sua participação na vida comunitária local.

<sup>5</sup> O processo de certificação de uma comunidade quilombola é realizado pelo FCP e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O FCP é responsável pela emissão de certificação

O responsável pelo projeto, Maurício de Carvalho, afirma, segundo Palmares<sup>6</sup> (2012), que: “ao mesmo tempo que possibilita ao visitante conhecer a história de luta dos quilombos [...], permite participar do cotidiano das comunidades, observando seus conhecimentos tradicionais, visitando as belezas naturais e contribuindo para preservar as riquezas da sociobiodiversidade da região”.

Atualmente, segundo o quadro de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) da Palmares – atualizado em 20 de Maio de 2016 – têm-se 2.849 comunidades quilombolas brasileiras certificadas, sendo 54 quilombos no estado de São Paulo nas cidades de Agudos, Barra do Turvo, Cananéia, Capivari, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itaóca, Itapeva, Itatiba, Pilar do Sul, Salto de Pirapora, São Roque, Sarapuí e Ubatuba.

Em se tratando de conceitos e órgãos públicos, a Organização Mundial de Turismo (OMT) entende que Turismo Étnico é aquele voltado “a tradições e estilo de vida de um grupo e utilizado principalmente para destacar o turismo nas comunidades ou enclaves específicos, em processo de desenvolvimento” (citado por CARDOZO, 2006, p. 145). Ainda no mesmo texto, comenta que o turista que busca a etnicidade como motivação para viagens pode fazê-lo como forma de comparação e/ou compreensão social, mediante a observação de outros modos de vida. Segundo Theobald (2001, p. 32), de um modo geral, “o turismo foi definido (ou redefinido) de modos variados por órgãos governamentais e por acadêmicos como uma área relacionada à economia, sociologia, antropologia cultural e geografia”.

Diante disso, o turismo não é uma única vertente, disciplina ou abordagem a ser explorada, é a conjunção de diferentes pontos de vista, estudos e temáticas, que ao se unirem abrem “leques de conhecimento” muito mais amplos. Seu estudo depende, exclusivamente, de um tema ou segmento turístico, que abrangerá diversos pontos de partida e chegada, para caracterizar o público-alvo, grupos envolvidos, tipo de segmento, forma de planejamento e gestão, técnicas de manejo e sustentabilidade para promover o turismo e/ou atividade turística sustentável e viável na localidade. Um desses pontos de partida e/ou segmento é o Turismo Cultural, visto que

---

de autodefinição como remanescente de quilombo e o INCRA pela emissão do título de propriedade coletiva e o reconhecimento do território quilombola.

<sup>6</sup> <https://valberlucio.com/2012/04/09/isa-lanca-catalogo-circuito-quilombola/>

a relação turismo e cultura é intrínseca [...]. Desde os primeiros registros de deslocamentos tendo a cultura como motivação principal, em meados do século XVIII, nas viagens denominadas grand tours até a atualidade, as preferências e gostos dos turistas alteraram-se. Foram incorporadas novas formas de ocupação do tempo livre e, especialmente, de relacionamento com a cultura dos visitados, levando à caracterização do segmento denominado. (MINTUR, 2006, p. 13)

O relacionamento de cultura e turismo deve ser entendido como uma via de mão dupla, em que a população autóctone recebe o turista, e vice-versa, formando uma relação de trocas, aprendizados, conhecimentos ou repressão, repúdio e intolerância, por isso da importância na formação/instrução dos autóctones de como receber bem e de ser recebido pelos turistas de diferentes partes do mundo. Segundo Brasil (2008, p. 15), “desses primórdios tempos até a atualidade, a cultura continuou a ser uma das principais razões para a viagem; com o tempo, modificou-se, [...] ampliou-se e passou a incluir todas as formas de ser e fazer humanos”. Nesse sentido, destacamos que o patrimônio cultural, mais do que atrativo turístico, é fator de identidade cultural e de memória das comunidades, fonte que as remete a uma cultura partilhada, a experiências vividas, a sua identidade cultural e, como tal, deve ter seu sentido respeitado. (BRASIL, 2008, p.15)

O turismo cultural, nessa perspectiva, “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MINTUR, 2006, p. 13). Bens culturais que englobam a memória, a identidade, as edificações e os conjuntos urbanísticos, já os imateriais são as manifestações populares (música, gastronomia, artes visuais e cênicas, festas, dança, artesanato e entre outras). Dentro desse segmento, é encontrado o turismo étnico conceituado pelo envolvimento das comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores em seu modo de vida, saberes e fazeres. (MINTUR, 2006, p. 18)

No segmento turístico, destaca-se também o lazer, as atividades recreativas e/ou a recreação, como apontam Trigo e Almeida (2007, p. 32): “A recreação é a atividade planejada e dirigida especificamente para divertir o cliente. Tem como características adicionais entreter, ocupar e integrar seus usuários”. Já o lazer, propriamente dito, é todo o tempo livre que o indivíduo disponibiliza para si próprio em sua rotina diária,

isso significa dedicar-se a algo prazeroso, descanso, leitura de um livro, assistir televisão, dançar e entre outras atividades que estejam desvinculadas as suas obrigações.

Os autores destacam que, após a Revolução Industrial, é que determina o modo como conhecemos o lazer nos dias atuais. De acordo com dados levantados pelo Dieese, Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, o brasileiro habitante da metrópole dedica nove horas ao trabalho, duas horas ao trânsito, oito horas ao sono e duas horas à alimentação. Assim, subtraindo-se o tempo investido nessas atividades obrigatórias das horas diárias, restam apenas três horas. Então, o que sobra de tempo livre para ser dedicado ao prazer, ao divertimento, ao lazer? (TRIGO, 2007; ALMEIDA, 2007, p. 33)

Nesse aspecto, observamos na expressão “tempo é dinheiro”, utilizada a todo o momento, que, quando se tem o verdadeiro tempo livre, muitas vezes, não se sabe como utilizá-lo. Logo, esse tempo é tão escasso e raro na vida cotidiana, que os indivíduos aprenderam a esquecer-se dessas horas ou minutos para fazer “nada”. Como resultado desse cotidiano, o turismo se torna essencial para o “aproveitamento” do tempo com passeios, viagens, atividades diferenciadas e/ou city tours de descanso, lazer, estudos, entre outras motivações.

### **Cultura afro-brasileira**

Segundo Sobanski (2008, p. 46), as três expressões mais utilizadas quando se refere a essa temática: Negro, Afro-Brasileiro e afrodescendente. O termo negro surgiu com o escravismo e, expandindo pelo século XVI, ganhou notoriedade a partir da década de 1920, em São Paulo, por meio do Movimento Negro, com uma forte retomada na década de 1970. Já o termo afro-brasileiro aparece na década de 1930, segundo as ideias de Gilberto Freyre. Finalmente, o termo afrodescendente foi criado em 1986 por Henrique Cunha Junior devido a dois problemas, de acordo com Sobanski (2008, p. 46), “um relativo aos censos que precisavam integrar os ‘pretos e pardos’, o outro que estava escrevendo textos sobre a História e queria preservar a dinâmica entre África e Brasil, assim a ideia de afro descendências”.

Nessa perspectiva, a cultura afro-brasileira é a mistura de culturas, costumes, hábitos, experiências e vivências de povos que foram “obrigados” a conviver pela



colonização ou pela retirada de seus territórios nativos. Essas influências e miscigenação são constatadas em diversos aspectos e/ou segmentos dessa cultura como na música, dança, religião, gastronomia *etc.*

Sua história de lutas e conquistas em prol de sua raça, cor, cultura e religião é um percurso que vem de geração em geração, para reafirmar e “impor” a sua herança cultural e trajetória histórica desse povo, não só para a construção do país, mas também para a composição da cultura nacional. Por isso, a importância da promoção e (re) conhecimento da cultura afro-brasileira para os indivíduos e seus descendentes. É uma maneira de conhecer e exigir os direitos retirados de seus antepassados, resgatar seu patrimônio cultural, material, imaterial e, principalmente, reconhecer-se dentro daquele espaço e sua relevância na sociedade atual.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o responsável por executar pesquisas, plano de amostragem e estatísticas no país. Sobre a temática de raça e cor da população brasileira, constata-se que:

Tabela 1: Distribuição percentual por cor e raça da população brasileira.

Unidades da Federação selecionadas	Pessoas de 15 anos ou mais de idade								
	Total (1)	Distribuição percentual por cor ou raça (%)							
		Branca	Morena	Parda	Negra	Preta	Amarela	Indígena	Outras
Total	47 540 100	49,0	21,7	13,6	7,8	1,4	1,5	0,4	4,6
Amazonas	2 158 153	16,2	49,2	23,3	3,6	1,7	1,6	1,5	2,9
Paraíba	2 755 674	31,9	45,7	10,9	4,3	0,7	0,8	0,4	5,3
São Paulo	30 616 596	51,4	19,1	14,5	8,9	1,3	1,9	0,2	2,7
Rio Grande do Sul	8 110 800	63,5	12,4	3,8	5,0	1,6	0,4	1,1	12,3
Mato Grosso	2 113 583	30,4	35,6	18,6	9,7	2,0	1,0	0,2	2,4
Distrito Federal	1 785 294	29,5	21,1	29,5	10,9	0,7	1,0	-	7,3

FONTE: IBGE – Pesquisa das características Étnico-raciais da População 2008.

NOTA: Foram agregadas as 7 (sete) categorias mais frequentes de cor e raça declarada de forma espontânea; (1) Exclusive sem declaração e/ou outras.

Ao compararmos a formação populacional do país, de acordo com a sua cor ou raça (branca, morena, parda, negra, preta, amarela, indígena e outras), no ano de 2008, constatamos, em sua maioria, brancos (49%), seguido de morenos (21,7%), pardos (13,6%), negros (7,8%), outras (4,6%), amarelos (1,5%), pretos (1,4%) e indígenas (0,4%). Já em relação às unidades da federação, a maior proporção de morenos, pardos, negros e pretos está concentrada no Amazonas (77,8%) e, em segundo lugar, o



Mato Grosso, com 65,9%, seguido do Distrito Federal (62,1%), Paraíba (61,6%), São Paulo (43,8%) e, na última posição, o Rio Grande do Sul, com apenas 22,8% de seus habitantes.

Tabela 2: Características para definição de sua cor ou raça.

Unidades da Federação selecionadas	Proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por dimensões pelas quais as pessoas, em geral, definem cor ou raça (%)						
	Cultura, tradição	Traços físicos	Origem familiar, antepassados	Cor da pele	Opção política/ideológica	Origem socioeconômica ou de classe social	Outra
Total	28,1	57,7	47,6	82,3	4,0	27,0	0,7
Amazonas	45,3	61,8	50,3	80,8	5,2	20,1	0,1
Paraíba	30,0	62,2	65,9	81,8	5,2	21,8	1,1
São Paulo	28,0	59,8	46,3	83,3	4,1	29,1	0,6
Rio Grande do Sul	25,4	48,7	44,8	80,4	2,9	23,1	0,4
Mato Grosso	23,7	52,7	53,4	78,5	2,6	21,0	1,2
Distrito Federal	23,6	56,8	45,5	80,6	4,8	32,0	2,6

FONTE: IBGE – Pesquisa das características Étnico-raciais da População 2008.

Outro ponto a destacar-se é a característica escolhida como critério para classificar-se e/ou enquadrar-se nas categorias de cor e raça estipuladas pelo IBGE. Verificou-se que a maioria dos habitantes define-se pela cor da pele (82,3%), seguida pelos traços físicos (57,7%), origem familiar e antepassados (47,6%), cultura e tradição (28,1%), origem socioeconômica ou de classe social (27,0%), opção política/ideológica (4,0%) e outras (0,7%). Diante disso, a cor da pele irá definir-se desde a escravidão até os dias atuais com o preconceito velado ou oculto, seja com relação a raça/cor, credo ou religião.

Para Cunha (1988), o sinal da escravidão são os pés descalços. No séc. XIX, quem se alforria trata logo de comprar sapatos. As barcas do Rio Niterói tem até duas tarifas: uma para as pessoas calçadas, outra, reduzida, para as descalças; quem encomenda uma fotografia mostra-se, dá-se a conhecer: é o sujeito do retrato. Aqui o escravo é visto, mostrando-o seja como um tipo, seja como uma função. Se o retrato do senhor é uma forma de cartão de visitas, o retrato do escravo é uma forma de cartão postal: um quer descrever a pessoa, digna e singular, outro descreve o personagem, pitoresco e genérico. Essa é a representação e a maneira, conforme Cunha (1988), como o escravo era visto ou percebido pela sociedade da época. Logo, todas as suas

manifestações culturais, hábitos, religião, entre outros, também eram mal vistos ou tratados como “algo pitoresco e genérico”.

Ferreira Filho (2009), ao tratar das religiões afro-brasileiras, afirma que são um encontro de três grandes matrizes de religiosidade, baseado nas heranças africanas, tradições indígenas e o catolicismo português, representação das raças e grupos sociais existentes na época da escravidão. Por serem tratados como uma classe social inferior, os escravos tinham que “ocultar” e/ou transformar seus rituais e costumes, de forma a transparecer algo “inocente” ou que não ofendesse aos feitores ou senhores. Citam-se, por exemplo, os orixás do candomblé/umbanda (entidades africanas), que nada mais são do que os santos católicos com nomenclaturas e designações voltadas à religião afro, como Iemanjá – Rainha do mar e dos oceanos – para Nossa Senhora da Conceição, Ogum – Senhor das Guerras – para São Jorge, entre outros.

Ainda nas palavras de Ferreira Filho (2009), segmentando-se a religião, podem ser percebidas as contribuições dos diferentes povos para a construção e/ou transformação dessa crença para os negros e escravos trazidos para o Brasil. Os indígenas contribuíram para os bantos com a pajelança, catimbó, candomblé, candomblé de caboclo, umbanda *etc.* O candomblé é a reinvenção da África no Brasil, mostrando sua organização social e religiosa trazida do seu continente e que sofreu uma reelaboração da identidade social pelas más condições sofridas com a escravidão no país. Já a umbanda é a busca iniciada pela população branca da classe média urbana de um modelo de religião que fizesse a integração dos grupos existentes no território nacional.

Nos rituais religiosos, segundo dados na exposição do Museu Afro Brasil, são utilizados os instrumentos da Orquestra Sacra Afro-Brasileira, formada por três tambores ou atabaques, agogô e xequerê, cânticos que louvam as divindades ancestrais. Os atabaques são adornados com laços e/ou tecidos de renda coloridos, de acordo com a divindade ou ancestral a ser homenageado na cerimônia religiosa.

Em relação às danças, tem-se, segundo Federal e Escola Municipal Vila Monte Cristo:

Tabela 3: Danças de origem africana

Jongo	Os escravos, por meio da dança, contavam suas tristezas e sofrimentos.
Capoeira	Expressão cultural que mistura dança, luta, música e jogo.
Samba de Roda	Gênero musical de tradição afro-brasileira e tocado com pandeiros, atabaques, berimbaus, chocalho e viola.
Maracatu	Percussão forte e originária das congadas (coroação dos reis e rainhas).
Dança do Congo	Dança teatralizada que tem lugar na gravana <sup>7</sup> , ao ar livre, realizada durante as festas religiosas e populares.
Ússua	Dança de salão - uma espécie de mazurka africana -, ao ritmo lento do tambor, do pito doxi – flauta - e da corneta.
Dexa	Típica da ilha do Príncipe de raízes angolanas e dançada durante horas.
Puita e D'jambi	Dança fortemente erótica e a música mais popular em São Tomé e Príncipe.
Bligá	Jogo do cacete ou misto de dança e jogo lúdico, que significa brigar.
Socopé	Sociedades musicais com estandarte e fardamento próprio. Ritmo lento - quase em tom de lamento -, e os textos servem para expor os principais problemas da comunidade ou uma crítica social ou de costumes.
Cabetula	Dança executada na região de Luanda em ocasiões festivas e carnavalesca.
Stleva e Tlundu	As únicas representações teatrais musicadas que não acontecem durante a gravana.
Sungura	Originária da região sul de Angola. Executada em cerimônias, rituais tradicionais e normalmente dançada em grupo.
Kizomba	Dança de Salão executada em festas e cerimoniais dos subúrbios luandenses.

FONTE: Federal e Escola Monte Cristo.

As danças típicas são diferentes e diversificadas, de acordo com cada região, nacionalidade (país), cultura, tribo e/ou etnia dos indivíduos, assim como seu objetivo em realizá-la para comemoração, coroação, rituais, brincadeiras, entre outras motivações.

### **Cultura afro-brasileira na cidade de São Paulo**

O mundo da cultura afro-brasileira na cidade de São Paulo é formado por diversas instituições, igrejas, centros de cultura, terreiros, movimentos sociais, grêmios recreativos de escola de samba, capoeira, entre outros. Esses espaços são essenciais para a difusão da cultura para o município e, principalmente, para a transmissão dos conhecimentos, lutas e resistências dos descendentes africanos para as novas gerações.

<sup>7</sup> GRAVANA: Vento fresco de Sul e Sueste, que sopra no golfo da Guiné, especialmente nas vizinhanças de San-Thomé. Estação seca, em San-Thomé. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/gravana/>.

A Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (CONE), órgão governamental vinculado à Assessoria de Cidadania e Direitos Humanos, da Secretaria do Governo Municipal do Gabinete do Prefeito, teve sua criação em 22 de dezembro de 1992 pela Prefeita Luiza Erundina. As principais ações desse órgão são: a conscientização da sociedade e da população negra sobre o papel das políticas públicas; elaboração de projetos de leis no município de São Paulo; e a elaboração de políticas públicas étnico-racial.

Atualmente, tem-se a Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial (SMPIR)<sup>8</sup> – criada em 2013, pelo Prefeito Fernando Haddad (2013-2016), para combater as desigualdades sociais e o racismo, com o objetivo de “elaborar um Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial e a necessária interlocução, ações intersetoriais, que articulem e mobilizem os diversos órgãos municipais e de forma participativa, com a contribuição da sociedade civil” (SMPIR, 2013). Essa secretaria atua, juntamente com o CONE e outras secretarias municipais, em ações, projetos e desenvolvimento da cultura e da população negra na cidade, que é formada, segundo a SMPIR, “de acordo com o IBGE, 2010, a população negra representa 39,4% dos habitantes de São Paulo e Região Metropolitana (6,7% de pretos e 32,7% de pardos respectivamente) e a população “amarela e indígena” representa 2,0%”. Destaca-se também que:

A cidade de São Paulo que se apresenta como sendo uma das mais ricas da América Latina, a cidade alcança, ao mesmo tempo, um dos maiores níveis de desigualdade social do País colocando a população negra, de forma especial, como sendo o grupo que goza de maiores níveis de desigualdades, sobretudo quando são jovens e mulheres. (SMPIR<sup>9</sup>, 2013)

As desigualdades sociais e diferenças entre negros e brancos, na sociedade atual e na cidade, são evidentes, bastando assistir aos noticiários televisivos, impressos e internet. Nesse sentido, é importante frisar que, na cidade de São Paulo, existem

---

<sup>8</sup> Do mesmo modo, em nível estadual, o órgão voltado à população negra é a Coordenação de Políticas para a População Negra e Indígena, vinculado a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, o Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra. Já, na esfera federal, tem-se a Secretaria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR).

<sup>9</sup> [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/igualdade\\_racial/organizacao/index.php?p=149057](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/igualdade_racial/organizacao/index.php?p=149057)

diversas organizações e entidades voltadas à promoção, difusão e conhecimento da população negra, sua cultura, religião e peculiaridades.

Tabela 4: Entidades negras

NOME DA INSTITUIÇÃO	BAIRRO	REGIÃO
Academia Brasileira Black Music (ABBM)	Jd. Thomas	Sul
Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT)	Santana	Norte
Coletivo de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros do Estado de São Paulo (CEABRA)	República	Central
Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB)	Lapa	Oeste
Educafro	Sé	Central
Exportação e Importação de Produtos Cosméticos (MUENE)	República	Central
Fala Preta! Organização das Mulheres Negras	Jd. Paulistano	Leste
Instituto de Esporte Social para Afrodescendentes	Mandaqui	Norte
Instituto do Negro Padre Batista	Sé	Central
Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial (INSPIR)	Sé	Central
Movimento Negro Unificado de SP (MNU)	Jaguapé	Oeste
Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sociocultural (AFROBRÁS)	Armênia	Norte
União de Negros pela Igualdade (UNENEGRO)	Bela Vista	Central
Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares	Armênia	Norte

FONTE: LAIA, 2012.

Segundo Laia (2012, p. 171), na cidade de São Paulo, existem 21 (vinte e uma) associações, institutos, universidades, movimentos sociais e órgãos públicos voltados à população negra e afrodescendente, dentre as quais se destacam as mencionadas acima, atuando em diferentes segmentos sociais, político, educacional, religioso, profissional, mercado de trabalho e eventos culturais.

### Atrativos turísticos “afros” na cidade de São Paulo

Na cidade de São Paulo, no ano de 2012, foi elaborado pela Prefeitura do Município, em parceria com a São Paulo Turismo (SPTuris) e a Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (CONE), o “Roteiro Afro<sup>10</sup>” ou “African Tour” da série de Roteiros Temáticos ou “Thematic Tours series” com o intuito de vivenciar e explorar

<sup>10</sup> [http://www.cidadedesapaulo.com/sp/images/pdf/roteiros\\_tematicos/roteiro\\_afro\\_ld.pdf](http://www.cidadedesapaulo.com/sp/images/pdf/roteiros_tematicos/roteiro_afro_ld.pdf)

a localidade em roteiros auto-guiados que oferecem 8 (oito) perspectivas da cidade, sendo elas: Arte Urbana, Cultura Afro, O Café e a História da Cidade de São Paulo, Mirantes, Cidade Criativa, Futebol e Independência do Brasil. Esse projeto foi desenvolvido como uma homenagem ao Ano Internacional dos Afrodescendentes, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2011.

Sua publicação foi lançada em Maio de 2012 com uma tiragem de 5000 exemplares, bilíngue (português e inglês), mapa de localização dos atrativos turísticos (com legenda de centrais de informações turísticas, áreas verdes, hidrografia, metrô, terminal rodoviário, aeroporto e CPTM), caracterização dos espaços, endereço, telefone e horário de funcionamento. Além da versão impressa, também, pode ser acessado e/ou visualizado no sítio da prefeitura da cidade (<http://www.circuitoquilombola.org.br/o-que-e>).

O roteiro é composto de 21 (vinte e um) atrativos turísticos distribuídos pela região Central, Norte e Sul, nos segmentos de museus, centros de cultura, igrejas, espaços musicais, cemitério e, por fim, a relação da cidade de São Paulo com as escolas de samba tradicionais (Unidos do Peruche, Nenê de Vila Matilde, Camisa Verde e Branco e Vai-Vai). Os atrativos estão dispostos por regiões:

Tabela 5: Roteiro Afro e seus atrativos na cidade de São Paulo.

INSTITUIÇÃO	OBJETIVO	ACERVO	DESTAQUES	ENDEREÇO	REGIÃO
Academia Paulista de Letras	Estudo	Trabalhos literários	Único livro publicado por Luiz Gama escrito em 1904.	Largo do Arouche, 312/314 – República.	Central
Casa Mestre Ananias	Dança	Capoeira tradicional Samba de roda	Espaço de convivência.	Rua Conselheiro Ramalho, 945 - Bela Vista.	Central
Cemitério da Consolação	Sepulcrário	Sepulcro de personalidades históricas.	Monteiro Lobato, Marquesa de Santos e Luiz Gama	Rua da Consolação, 1660 – Consolação.	Central
Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte	Religião	Religioso	Construída há mais de 200 anos.	Rua Tabatinguera, 301 – Sé.	Central
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Religião	Religioso	Missa Afro (bimestral)	Largo do Paissandu, s/n. Centro.	Central

Igreja de Santa Cruz das Almas dos Enforcados	Religião	Religioso	Desenho da antiga catedral da Sé	Praça da Liberdade, 238 – Liberdade.	Central
Igreja Nossa Senhora Achiropita	Religião	Batizado, casamento, missa e celebrações afros.	Pastoral Afro	Rua 13 de Maio, 430 – Bela Vista.	Central
Largo São Francisco Faculdade de Direito	Arte	Responsáveis pelo fim da escravidão (Rui Barbosa, Castro Alves e José Bonifácio).	Homenagem a Luiz Gama com o seu retrato	Largo de São Francisco, 95 – Sé.	Central
Associação Cultural Cachuera	Dança e estudo	Bibliografias e vídeos	Religiões de matriz africana	Rua Monte Alegre, 1094 – Perdizes.	Oeste
Casa das Áfricas	Arte	Exposição	Pesquisa e difusão com foco na África	Rua Harmonia, 1150 – Vila Madalena.	Oeste
Centro Cultural Africano	Arte	Espaço de conhecimento e integração.	Patrimônio material, imaterial e oral	Rua Gaspar Ricardo Junior, 112 – Barra Funda.	Oeste
Centro Cultural do Candomblé	Religião	Doutrina e rituais	Festas abertas ao público (mensalmente)	Rua do Bosque, 246 – Barra Funda.	Oeste
Grupo Cordão de Ouro	Dança	Capoeira	Mestre Suassuna	Rua Jesuíno Pascoal, 44 – Santa Cecília.	Oeste
Axé Ilê Obá	Religião	Terreiro fundado na década de 70.	Tombado como patrimônio cultural pelo CONDEPHAAT	Rua Azor Silva, 77 – Jabaquara.	Sul
Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ylê do Hozououane	Religião	Religioso, cultural e social.	Curso de moda	Rua Conde de Fontalva, 100 – Parelheiros.	Sul
Ilê Alákétu Asé Ibulamo	Religião	Edificação da cultura religiosa africana.	Ações sociais	Rua Savério de Simone, 7 – Santo Amaro.	Sul
Museu Afro Brasil	Arte e Estudo	Arte, história e memória.	Trajatória e influências africanas na sociedade brasileira	Av. Pedro Álvares Cabral, s/n - Portão 10 – Parque Ibirapuera.	Sul
Panelafro	Dança	Encontro cultural	Degustação de comidas típicas	Av. Inácio Dias Silva, s/n – Piraporinha.	Sul



Samba da Laje	Dança	Samba com músicos da comunidade.	Feijoada da Dona Generosa	Rua Jandi, 79 – Vila Santa Catarina.	Sul
Samba da Vela	Dança	Vela no centro da roda.	Resgate do autêntico samba de terreiro	Praça Dr. Francisco Lopes Ferreira, 434 – Santo Amaro.	Sul
Samba do Monte	Dança	Rodas de samba informais.	Resgate dos antigos sambas de raiz e inclusão social	Av. Tomás de Souza, 552 - Jd. Monte Azul.	Sul

FONTE: Roteiro Afro, 2012.

Os atrativos selecionados no Roteiro Afro foram convidados a participar dessa nova perspectiva de apreciar, vivenciar e explorar a cidade de São Paulo de locais e/ou espaços excluídos dos grandes pontos ou marcos históricos.

### **Entrevista com os gestores e/ou coordenadores dos atrativos turísticos “afros”**

O presente trabalho foi elaborado com referências bibliográficas e pesquisa de campo no Museu Afro Brasil e Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ylê do Hozouane, baseado em entrevistas nos atrativos turísticos do Roteiro Afro. Os locais foram selecionados, dentre os demais, por promoverem a difusão, conhecimento e transmissão da cultura africana pela expressão histórica, imaterial e oral.

#### *Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ylê do Hozouane*

O Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ylê do Hozouane está localizado na Rua Conde de Fontalva, número 100, Parelheiros, na região Sul da cidade de São Paulo. Na instituição, foi entrevistado o fundador e procurador, Luiz Antônio Katulemburange Amorim<sup>11</sup>, formado em Teologia e com experiência no comércio e em Gestão de Projetos. Nascido em Itabuna/BA, residindo em São Paulo desde 1972, sacerdote de matriz africana desde os 12 anos e conhecido como uma referência negra na região.

Em relação ao Centro de Cultura Afro-brasileira Asé Ylê do Hozouane, instituição que luta pela valorização da cultura afro-brasileira e consequente promoção da diversidade cultural, proteção ao meio ambiente e melhoria da qualidade de vida da

<sup>11</sup> Entrevista realizada em 2013.

população, destacamos: a área de atuação e abrangência que compreende a região de Parelheiros e Marsilac e que constitui território peculiar no contexto da metrópole paulistana, tanto pelo baixo IDH – Índice de Desenvolvimento Humano (o mais baixo da capital), quanto pela distância do centro administrativo, alto índice de vulnerabilidade juvenil, como pelo peculiar adensamento populacional de cerca de 6% ao ano.

Além disso, o Centro de Cultura é uma referência negra na região de Parelheiros, com a difusão da cultura e projetos sociais, promovendo “ações que desenvolvem a autoestima e a afirmação social da comunidade adjacente, com atividades voltadas ao desenvolvimento sócio-cultural de adolescentes e de seus familiares, proporcionando um ambiente sadio que possibilita a integração e socialização das pessoas”, como atesta seu fundador. (CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA ASÉ YLÊ DO HOZOOUANE, 2013).

Amorim salienta que:

Nós desenvolvemos vários projetos culturais e sociais. Agora dia 30, vou assinar mais um projeto, Polo de Moda, que funciona desde o ano retrasado e vai recomeçar em janeiro. Todo o mês de Novembro tem o “Encontro da Pessoa Negra de Parelheiros”, esse ano será dia 30 de Novembro, a gente homenageia uma personalidade negra em memória e uma personalidade viva. Esse ano, estou querendo homenagear Leci Brandão, por tudo que ela fez e faz pela cultura negra e em memória a minha mãe de santo, que morreu com 104 anos e foi uma guerreira.

Além desses projetos, há o Polo de Moda (curso de costura), Balé Afro Mona Kavungo (movimentos da natureza pela conscientização do corpo e do ser realizado com jovens da região), 7º Encontro da Pessoa Negra, Creche Parque Guanabara (conveniada com a prefeitura municipal), Telecentro, Viva Leite e doações do Programa Fome Zero para a comunidade do entorno.

A infraestrutura do Centro para desenvolver os projetos e atendimento da população está disposta em escritório, cozinha, espaço de confraternização, Templo, Casa dos Orixás, área de lazer com piscina e espaço para construção do Museu Afro. Atualmente, conta com 26 (vinte e seis) funcionários alocados em projetos, Pedagogas da Creche, Telecentro, limpeza, cozinha e os voluntários. Seu organograma hierárquico é constituído do Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Primeiro e Segundo Tesoureiro

e Conselho Fiscal, esses cargos são alterados de 4 (quatro) em 4 (quatro) anos após eleição de membros da comunidade e da religião.

A demanda atendida nas instituições é diversificada e não tem um público-alvo ou pré-determinado. No Centro de Cultura, o público é a comunidade de Parelheiros, entorno e, como atesta Amorim, “frequentadores do lado religioso, famílias e ‘n’ pessoas desse mundo de meu Deus. Tem gente de São Paulo e agora dia 20 de Dezembro recebo um grupo que vem de Portugal para se iniciar no orixá, é gente de todo o tipo. As pessoas que frequentam são do estado da Bahia e vários estados do país, mas também estrangeiros”.

Sua faixa etária de visitação compreende de criança a idoso, sem limite de idades ou características, de acordo com a necessidade do serviço, motivação de saúde, iniciação na religião, professores da Rede Pública em visitas monitoradas para conhecer a cultura.

Amorim também confirma que é preciso educar os educadores, para que eles possam passar isso à frente porque o preconceito de hoje das pessoas não é culpa delas, esse preconceito contra nós foi trazido pela colônia de Portugal. Ele diz: “Não era bom para os senhores de escravos que nós nos organizássemos e, qual é a maior forma de organização do povo? Não é a religião? Então esse foi o ponto crucial. Aí, Exu de mensageiro, virou Satanás e todas essas barbaridades. Na realidade tem a ver com as energias da natureza e é com isso que a gente lida”.

Para a realização de visitas monitoradas, é necessário o agendamento telefônico, que poderá incluir gastronomia ou entretenimento com samba de roda, capoeira, balé Afro *etc.*, sendo cobrada de acordo com cada atração ou inclusão na programação. Contudo, Amorim ressalta:

Se for só visita monitorada, não é cobrado nada. Mas, se tem gastronomia, preciso de cozinheira, alguém para servir, para o entretenimento preciso dos participantes e etc. Por exemplo, dia 09, vem um grupo do SESC da Consolação, a visita deles ficou em torno de R\$2.000,00 e poucos reais, quase R\$3.000,00 reais com gastronomia e outras coisas.

Com as visitas monitoradas, projetos, turistas e atendimentos, o Centro de Cultura tem uma demanda mensal de 200 pessoas, aproximadamente, visto que não

disponibilizam um livro de visitas e/ou registros da visitação. Para Amorim, isso ainda é uma falha, “a gente tem que ter esse livro de presença. Eu até tenho, mas já deixei até de avisar para as pessoas que trabalham aqui para fazer isso, porque nunca fazem. Todo projeto pede quantas pessoas a gente atende e a gente faz uma média, porque não tenho esse controle”.

No que diz respeito ao projeto de longo prazo está à construção do Museu Afro. “A ideia surgiu de um espaço para cobrir a laje, acima da Roça ou sagrado (templo), que estava com infiltração”, esclarece Amorim, mas por se tratar de uma instituição sem fins lucrativos e sem repasse de verbas públicas, esse projeto ainda está em fase de captação de recursos. Dentre os novos projetos, conta com o “Construindo um futuro melhor” – voltado para a construção civil e qualificação dos moradores como pedreiros e mestre de obra e esses ajudariam na construção que “a princípio seria uma escola, mas pela necessidade da região será instalado um Albergue da Juventude e quando terminar o curso, o Albergue já estará pronto para atender jovens que chegam de outros países”, indica Amorim. Por fim, o projeto de curto prazo “Arte de fazer do lixo, o luxo”, voltado para a reciclagem, já aprovado no Fundo Especial de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (FEMA), “é só eles me chamarem para assinar”, salienta Amorim.

Amorim explica que “os representantes da comissão nos contataram para realizar um city tour e avaliar o espaço para inclusão nos atrativos turísticos ‘afros’ da cidade. Nós fomos convidados. Nós não fomos atrás, a gente nem sabia ainda e sua contribuição foi a divulgação”.

Dessa forma, o Roteiro Afro – elaborado pela SPTURIS e Prefeitura do Município de São Paulo – contribuiu para a divulgação do espaço, atrair mais visitantes e na preservação e difusão da cultura afro-brasileira e africana para moradores, estrangeiros e religiosos.

### *Museu Afro Brasil*

O Museu Afro Brasil localiza-se dentro do Parque do Ibirapuera, situado na Avenida Pedro Álvares Cabral, sem número, portão 10, Ibirapuera, região Sul da cidade de São Paulo.

Foi realizada a entrevista com a coordenadora do Núcleo de Educação – Neide Aparecida de Almeida<sup>12</sup>, formada em Sociologia e Mestre em Ciências Aplicadas e Linguística pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Sua experiência na área educacional é de 25 anos, atuando sempre com a educação não formal em sindicatos e movimentos populares, aliando educação e cultura com foco na língua portuguesa, literatura afro-brasileira e africana. Seu ingresso no museu ocorreu na fase de implementação, integrando a equipe de coordenação de 2004 a 2008, tendo retornado no ano de 2013 para tornar-se responsável pelo Núcleo de Educação.

É uma instituição pública, subordinada à Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, e administrada pela Associação Museu Afro Brasil (organização social de cultura). Inaugurado em 23 de outubro de 2004, no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do Parque do Ibirapuera, por iniciativa de Emanuel Araujo (atual curador, artista plástico baiano e ex-curador da Pinacoteca do Estado de São Paulo). Trata-se de um museu histórico, artístico e etnológico, voltado à pesquisa, conservação e exposição de objetos relacionados ao universo cultural do negro no Brasil. Do ponto de vista de Almeida:

O museu tem uma importância fundamental, não só para São Paulo, mas no Brasil e internacionalmente. O principal que, ainda hoje, reúne de uma forma sistemática obras que permitem contar a história do Brasil e do povo brasileiro, a partir da perspectiva afro-brasileira, da cultura do negro e de uma materialidade. Você vê a mão afro-brasileira construindo a história, sua memória e a arte brasileira. Que durante muito tempo ficou completamente fora do acesso, ainda hoje continua.

Seu acervo é composto de mais de 5000 obras, através de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas, de autores brasileiros e estrangeiros, produzidos entre o século XV e os dias de hoje (Museu Afro Brasil, 2013). Sua infraestrutura está disposta em: Exposições de longa duração com 6 núcleos (1. África; 2. Trabalho e Escravidão – reproduz o cotidiano e o trabalho dos escravos na produção agrícola, artesanal e joias; 3. Sagrado e Profano – festas das crenças indígenas, africanas e folclore brasileiro; 4. Religiosidade Afro-brasileira – miscigenação das

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada em 2013.

religiões católica e africana; 5. História e Memória; 6. Artes Plásticas); Exposições temporárias; Auditório Ruth de Souza e Biblioteca Carolina Maria de Jesus.

Conforme Almeida, a estrutura funcional do museu distribui-se em: Pesquisa; Salvaguarda; Museografia; Coordenação de Planejamento Curatorial; Produção; Montagem; Editorial; Comunicação; Diretoria Financeira, Executiva e Judiciária; Biblioteca Carolina Maria de Jesus (aproximadamente 6.800 obras no acervo); Monitoria, Orientadores de Público, Seguranças e Limpeza. Já, o Núcleo de Educação é constituído por: Coordenação; 2 (dois) Auxiliares de coordenação (um responsável pela gestão, recepção e formação dos educadores e, outro pelo Projeto de Acessibilidade Singular Plural atuando nas visitas de pessoas com deficiência); 15 (quinze) educadores; 1 (um) Auxiliar de Educador (nascido no Congo, atuando na instituição há 8 anos, participando das visitas com os educadores e concepção de atividades com instrumentos musicais, corpo e dança); 1 (um) Educador com deficiência auditiva (responsável pela visitas na Linguagem Brasileira de Sinais - LIBRAS); 3 (três) Auxiliares Administrativos e 1 (um) temporário (atuante no agendamento das visitas e orientações dos grupos); 2 (dois) Acolhedores e 1 (um) temporário (responsáveis pelo “acolhimento”, recepção do público e breve apresentação do espaço); e, ao todo, a equipe é formada por 24 (vinte e quatro) pessoas.

A descrição a respeito do acervo e exposições, segundo a coordenadora:

As exposições são muito densas, complexas, tem muito material e o educador constrói essa narrativa para apresentar ao visitante o museu. Ele tem um papel fundamental nessa relação do público com as exposições. Os grupos que atendemos têm a oportunidade de repensar a história do Brasil a partir do que veem e ouvem por meio da mediação. Também sabemos que nós não damos conta, com a equipe de educadores, pelo imenso número de visitantes que recebemos todos os dias.

Já, em relação à equipe do Museu, são, aproximadamente, 100 (cem) funcionários distribuídos nos diversos núcleos, recepção e loja.

Segundo o sítio do Museu Afro Brasil (2013), relatório 2010-2011, foram recepcionadas 30.000 pessoas em visitas educativas (agendadas e espontâneas), 29.100 estudantes em visitas guiadas (21.800 de escolas públicas e 7.300 escolas privadas), 500

peças atendidas em visitas orientadas (peças com vulnerabilidade social<sup>13</sup>, necessidades especiais, terceira idade ou turistas), 400 peças pelo Projeto Singular (peças com deficiências) e 1 (um) encontro para Formação de Professores. Almeida salienta que:

Não damos conta de ter esse contato direto com todos os visitantes, então, nós realizamos e produzimos materiais que podem ser acessados pelo público para promover essa aproximação. Oferecemos ações de Formação com os Educadores, Contação de Histórias Africanas e Indígenas “Aos Pés do Obaobá”, Encontro com os Artistas que tenham o compromisso com a presença das matrizes e cultura africana na nossa formação cultural e, também com essa intenção de promover uma aproximação do público com esse universo que muitas vezes é desconhecido, ampliar esses espaços de interlocução, produção de repertório e uma massa de informação, que nos ajude a olhar e a repensar nossa história e, posicionar-se politicamente em prol dessa igualdade racial.

Em referência aos projetos desenvolvidos no Museu, têm-se: Visitas mediadas (promover a aproximação entre o visitante e acervo, por meio de questionamentos, contação de histórias, músicas e outras estratégias); Visitas temáticas (orientadas pelo educador, de acordo com o foco e/ou interesse do visitante); Programa de Acessibilidade Singular Plural (atendimento especializado voltado para pessoas com deficiência intelectual, auditiva, visual, transtornos mentais, comprometimentos neuromotores e deficiências múltiplas e, visitas em LIBRAS todas às terças-feiras guiadas por um educador com deficiência auditiva); Encontros com educadores (previamente agendado com duração de 2 a 3 horas, para visita das exposições, leitura de obras, oficinas e estratégias para utilização em sala de aula da Lei 10.639<sup>14</sup>); Aos pés do Obaobá (contação ou leitura de histórias africanas e indígenas e, realizada no último sábado do mês às 11h00 da manhã).

O museu está sempre modificando, alterando ou substituindo seu acervo ao longo do ano, por isso é um local para ser apreciado e visitado várias vezes.

---

<sup>13</sup> O Museu tem parceria com a Fundação Casa e seus internos realizam visitas orientadas.

<sup>14</sup> Lei 10.639: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.



### Considerações finais

A elaboração do artigo científico não foi apenas enriquecedora para o conhecimento acadêmico, mas para formação da autora, conhecimento da própria cultura e trajetória dos antepassados para a construção do país e da cidade de São Paulo. Cidade essa miscigenada por diversos povos, culturas e nacionalidades, que ao mesmo tempo se distanciam e, na sequência, se aproximam. Surgem divergências e conflitos, que *a posteriori* são resolvidos e produzem uma nova “mistura” e uma mesclagem de todos esses indivíduos, tornando-os um só em alguns momentos.

O turismo, de um modo geral, é responsável por promover a integração de culturas, povos e grupos “fora dos padrões” convencionais, especificamente através do Turismo Cultural e/ou Turismo Étnico. Porém, esses segmentos turísticos são inerentes e entrelaçados. O primeiro proporciona a apreciação dos bens materiais e imateriais, enquanto o segundo é a valorização e promoção dos costumes, hábitos ou modo de vida de um grupo. Por isso, o segmento de Turismo Étnico-Afro envolverá atividades, experiências e vivências da cultura afro-brasileira.

A cultura afro-brasileira e africana é muito rica e cheia de detalhes, histórias, curiosidades e heranças culturais, que vão se perdendo ao longo do tempo e dos anos. Portanto, consideramos tão importante a sua preservação, difusão e conhecimento das novas gerações, para que essa cultura não se perca e seja reproduzida em todos os âmbitos da sociedade, sejam nas instituições de ensino (como obriga a legislação), empresas, espaços culturais e tantos outros locais, em que essa “forma de vida e hábito” possa ser perpetuada.

Não basta conhecer, é preciso praticar e vivenciar a cultura em seus diversos aspectos e/ou segmentos como a música, dança, religião, entre outros, responsáveis pelas nossas origens e pela formação da nação brasileira. Logo, sua importância não é só histórica, mas uma junção de fatores que a torna essencial para conhecer o país, sua formação e os expoentes responsáveis por esse Brasil “cheio de varonis”, “Marias”, “Joãos”, “Josés” e tantos outros trazidos do continente africano para uma nova terra e transformaram-na em sua nação.

Na cidade de São Paulo, a cultura afro-brasileira está representada em instituições, centros de cultura, igrejas, movimentos sociais, entre outros espaços que

promovem a difusão da cultura, educação e formação profissional. Assim, os locais são essenciais para a valorização cultural e, principalmente, para a transmissão de conhecimentos, lutas e resistências dos descendentes africanos para as novas gerações. Diante disso, o intuito é demonstrar que o Turismo Étnico-Afro na cidade de São Paulo é um conceito que deve ser explorado e valorizado por empresas, guias turísticos e agentes envolvidos no segmento turístico, como mais uma opção e/ou mercado a ser desenvolvido na localidade.

Por conseguinte, o Roteiro Temático Afro, elaborado pela Prefeitura do Município de São Paulo e parcerias, é fundamental para a promoção, divulgação e conhecimento das instituições e espaços da cultura na cidade. Prova disso foi constatada em entrevista no Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ilê do Hozouane, onde o fundador e procurador Luiz Antônio Katulemburange Amorim afirmou que o roteiro contribuiu para a divulgação. Já no Museu Afro Brasil, a Coordenadora do Núcleo de Educação, Neide Aparecida de Almeida, afirma que seu acesso e conhecimento são facilitados por integrar um dos atrativos mais importantes da cidade (Parque do Ibirapuera).

Os atrativos turísticos “afros” no município, em sua maioria, são mantidos sem o auxílio de verbas públicas e sobrevivem apenas de doações, venda de produtos, festas e visitas monitoradas. Contudo, é relevante que a população de São Paulo – moradores, visitantes e estrangeiros – conheça o Roteiro Afro e os atrativos turísticos “afros” para incentivar, divulgar e manter essas instituições vivas e atuantes na promoção da cultura afro-brasileira.

## **Referências**

### *Entrevistas:*

ALMEIDA, N. A. d. Neide Aparecida de Almeida. Entrevistador: Lilian Soares da Silva. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013. Entrevista concedida ao Projeto Acadêmico Turismo Étnico-Afro na cidade de São Paulo: um conceito a ser empreendido.

AMORIM, L. A. K. Luiz Antônio Katulemburange Amorim. Centro de Cultura Afro-Brasileira Asé Ylê do Hozouane. Entrevistador: Lilian Soares da Silva. São Paulo:

Museu Afro Brasil, 2013. Entrevista concedida ao Projeto Acadêmico Turismo Étnico-Afro na cidade de São Paulo: um conceito a ser empreendido.

*Referências bibliográficas:*

AMARAL, S. P. Religiosidade Negra. In: *Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras, Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia*, 2010. Salvador: CEAO/UFBA, 04 out. 2010. Disponível em: <[http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/livro2\\_HistoriadoNegro-Simples04.08.10.pdf](http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/livro2_HistoriadoNegro-Simples04.08.10.pdf)>.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e Atos decorrentes do disposto no § 3º do art. 5º. Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

BRASIL. *Decreto-lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>.

BRASIL. *Ministério do Turismo*. Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio\\_publicacoes/downloads\\_publicacoes/Caderno\\_MTur\\_alta\\_res.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio_publicacoes/downloads_publicacoes/Caderno_MTur_alta_res.pdf)>.

BRASIL. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. Entendendo o segmento. In: *Turismo Cultural: orientações básicas*, 2 ed., Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ecohospedagem/turismo-cultural-orientaes-bsicas-mtur-2008>>.

CARDOZO, P. F. Considerações preliminares sobre o produto turístico étnico. *Revista de Turismo y Patrimônio Cultural*, v. 4, n. 2, p. 143-152, 2006. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/4206/PS020206.pdf>>.

*CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA ASÉ YLÊ DO HOZOOUANE*. Disponível em: <<http://culturaafroyle.wordpress.com/>>.

*CIRCUITO QUILOMBOLA*. Comunidades quilombolas validam resultados e definem ações do circuito de turismo. Circuito Quilombola Vale do Ribeira (SP), 27 out. 2011. Disponível em: <<http://www.circuitoquilombola.org.br/node/64>>.

CUNHA, M. C. *Museu Afro Brasil*. 1988. cartaz.

ESCOLA MUNICIPAL VILA MONTE CRISTO. (s.d.). *Dança. Prefeitura de Porto Alegre*. Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/montecristo/04raca/raca18.htm#inicio>>.

FEDERAL, M. P. (s.d.). *Algumas danças de origem africana*. Turminha do MPF (Ministerio Público Federal). Disponível em: <<http://www.turminha.mpf.mp.br/nossa-cultura/cultura-afro-brasileira/dancas-de-origem-africana>>.

FERREIRA FILHO, Aurelino José. Resistir, Re-significar e Re-criar escravidão e a Re-invenção da África no Brasil séculos XVI e XVII. In: MENEZES, Marcos Antonio de Menezes; LEMES, Claudia Graziela Ferreira. (Org.). *Um sertão chamado Brasil: história, natureza e cultura*, 2009, v.1, p.103-112. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/AlineSestiCerutti/a-re-inveno-religiosa-da-africa-negra-no-brasil>>.

IBGE. (s.d.). *Pesquisa das Características Étnico-raciais da População*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2008. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/default\\_zip](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_zip)>.

ISA. (s.d.). *Turismo de Base Comunitária Circuito Quilombola – Vale do Ribeira – São Paulo*. Instituto Socio Ambiental (ISA). Disponível em: <[http://www.socioambiental.org/banco\\_imagens/pdfs/livreto.pdf](http://www.socioambiental.org/banco_imagens/pdfs/livreto.pdf)>.

LAIA, P. M. *Coordenadoria dos Assuntos da População Negra 20 anos de contribuição para as Políticas Públicas Etnicorraciais no município de São Paulo*. Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (CONE). São Paulo: CONE, 2012.

MINTUR. *Ministério do Turismo* (MINTUR): Secretaria Nacional de Políticas de Turismo Departamento de Estruturação, Articulação, Ordenamento Turístico e Coordenação Geral de Segmentação. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Marcos\\_Conceituais.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf)>.

MUSEU AFRO BRASIL. *História*. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/institucional/hist.%C3%B3ria>>.

PALMARES, F. C. *ISA lança catálogo Circuito Quilombola*. Fundação Cultural Palmares, Ascom/FCP, 09 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/2012/04/isa-lanca-catalogo-circuito-quilombola/>>.

PALMARES, F. C. *Comunidades quilombolas: Pesquisa*. Fundação Cultural Palmares (FCP), 25 out. 2013. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/quilombola/#>>.

ROTEIRO AFRO. *Roteiros Temáticos - Afro*. São Paulo Turismo (SPTuris), 2012.

SMPIR (s.d.). *Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial*. Histórico. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/igualdade\\_racial/organizacao/index.php?p=149057](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/igualdade_racial/organizacao/index.php?p=149057)>.

SOBANSKI, A. d. *As diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. In: Como os professores e jovens estudantes do Brasil e de Portugal se relacionam com a ideia de África. 2008. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação, da Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <[http://www.ppge.ufpr.br/teses/M08\\_sobanski.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M08_sobanski.pdf)>.

TAYLOR, G. D. Lugares e produtos: questões de marketing e de consumidor. In: THEOBALD, W. F. (Org.). *Turismo global*. São Paulo: Senac, 2001.

THEOBALD, W. F. Significado, âmbito e dimensão do turismo. In: THEOBALD, W. F. (Org.). *Turismo global*. São Paulo: Senac, 2001.

TRIGO, L. G. [et al]; ALMEIDA, R. A. d. [et al]. *Aprendiz de lazer e turismo*. Ministério do Turismo (MINTUR), Academia de Viagens e Turismo (AVT), Instituto de Academias Profissionalizantes (IAP), Núcleo de Turismo da Universidade de São Paulo (NT/USP), São Paulo: IPSIS, 2007. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Aprendiz\\_de\\_Lazer\\_e\\_Turismo.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Aprendiz_de_Lazer_e_Turismo.pdf)>.

## ***AFRICAN HERITAGE TOURISM IN THE CITY OF SÃO PAULO: A CONCEPT TO BE UNDERTAKEN***

### **ABSTRACT:**

*The article aims to contextualize the African heritage tourism in the city of São Paulo, based on the Itinerary, by Afro São Paulo municipality and São Paulo Turismo (SPTuris), released in the year 2012, as another option to itinerary all over town. The specific objectives focused on the themes of African heritage tourism, based on references and field research, also shows the tourist attractions in the city of São Paulo aimed at African heritage tourism present in Afro and Roadmap, interview managers and/or coordinators of Museum Afro Brazil, and Afro-Brazilian culture center Asé Ylê of Hozooouane. It was verified that tourism, generally speaking, is responsible for promoting the integration of cultures, peoples and groups “outside of conventional standards”, specifically through Tourism Cultural and/or Ethnic Tourism, and the Itinerary Afro Theme is fundamental for the promotion, dissemination and knowledge of the institutions and cultural spaces in the city.*

**Key words:** African heritage tourism. Leisure. Afro-Brazilian culture. Afro-Brazilian culture in São Paulo. Tourist attractions afros.

**Enviado: Novembro/2016**

**Aceito para publicação: Novembro/2016**